

REFLEXÕES SOBRE O FILME *TAMBIÉN LA LLUVIA* A PARTIR DAS TEORIAS PÓS-COLONIALISTAS

Sandra Keli Florentino Veríssimo dos Santos (skeli_8@hotmail.com)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Resumo: Este trabalho visa refletir sobre as falas dos personagens e sobre os estereótipos representados no filme espanhol intitulado *También la lluvia*, traduzido para o português como *Conflito das águas / Até a chuva*. As reflexões serão norteadas principalmente pelos conceitos da teoria pós-colonial discutida por estudiosos, como Walter Mignolo, Stuart Hall e Aníbal Quijano, entre outros. O filme, lançado em 2010, entrelaça dois momentos históricos, a conquista da América por Cristóvão Colombo e o conflito conhecido como a Guerra Boliviana da Água ocorrida em 2000, na cidade de Cochabamba, impulsionada pela privatização e controle do sistema hídrico da cidade por uma multinacional.

Abstract: This article aims at reflecting on the characters' speeches and on the stereotypes represented in the movie entitled *También la lluvia*, translated into Portuguese as *Conflito das águas / Até a chuva*. The reflections will mainly be based on the concepts of post-colonial theories discussed by scholars, such as Walter Mignolo, Stuart Hall and Aníbal Quijano, among others. The movie, released in 2010, interlinks two historical moments, the conquest of America, by Christopher Columbus and the conflict known as The Bolivian Water War occurred in Cochabamba, in 2000, driven by the privatization and the control of the water system of the city by a multinational corporation.

Palavras-chave: Colonialismo. Pós-colonialismo. Estereótipos. Colonizador. Colonizado. Filme *Conflito das águas / Até a chuva*.

Keywords: Colonialism. Post-colonialism. Stereotypes. Colonizer. Colonized. Movie *También la lluvia*.

Introdução

O filme *También la lluvia*, dirigido por Icíar Bollaín, em 2010, e com o título no Brasil de *Conflito das águas / Até a chuva*, traz uma mistura de elementos políticos e religiosos, de forças antagônicas, que ampliam o campo de visão do espectador diante de fatos históricos antigos e atuais. Ademais, acirra uma reflexão acerca do conceito de pós-colonialismo ou “descolonialismo”, a partir da percepção de alguns estudiosos, para os quais o colonialismo faz parte somente do passado. Tal conceituação tem origem na natureza do termo usado, mais amplamente, para descrever períodos em que vários países do mundo foram colônias, embora cronologicamente não coincidentes e/ou com moldes caracteristicamente distintos.

Duas histórias se cruzam, provocando uma confusão de sensações no espectador que se vê diante de dois fatos históricos sendo recontados dentro de uma ficção. O filme principal¹ narra a história de um diretor, Sebastián, e de um produtor, chamado Costa, que em companhia de uma pequena equipe cinematográfica, viajam à Bolívia para filmar parte da história da segunda viagem de Cristóvão Colombo à América. Com um orçamento não muito generoso, o local escolhido é Cochabamba, entre outros motivos, pela presença de vasta população indígena, fato que auxiliaria na seleção de figurantes com características físicas similares às dos nativos que foram encontrados por volta do ano de 1500, na América Central. Daniel, um dos índios habitantes de Cochabamba, escolhido para ser o protagonista do documentário, atua como um dos rebeldes indígenas que morreram na estaca pelas mãos dos colonizadores. Daniel é, ao mesmo tempo, o protagonista de *Conflito das águas*, atuando como líder da manifestação ocorrida no ano 2000, em Cochabamba, motivada pela oposição à privatização do sistema hídrico da cidade. Ao longo do filme, esta insurreição se mistura a alguns fatos semelhantes ocorridos em Santo Domingo, um dos locais na América Central desbravados por Colombo. Assim, não por acaso, o diretor de *Conflito das águas* intersecciona as situações de dominação, exploração e repressão constantes destes dois diferentes períodos históricos. Os **colonizadores** não eram mais os espanhóis, mas sim os donos da multinacional Aguas Del Tunari, cujos principais acionistas residiam nos Estados Unidos e na Inglaterra. Fica evidente também, ao longo da narrativa,

a cumplicidade existente entre os políticos locais e a polícia, cuja atuação na repressão aos manifestantes mostrou-se bastante incisiva.

Outros aspectos importantes a serem observados no filme são os estereótipos de povos indígenas, de países subdesenvolvidos e do próprio colonizador, esse último sendo retratado como salvador de povos pobres, irracionais, incapazes de governarem a si próprios e, portanto, dependentes de civilização e doutrinação, tanto de ordem religiosa como política.

A participação da Igreja na submissão dos povos se faz presente nas figuras de dois líderes religiosos, Bartolomeu De las Casas² e o Frei Antonio Montesinos. O início do filme, *Conflicto das águas*, mostra-se bem emblemático na consolidação da imagem dessa influência e imponência religiosa no processo de colonização, revelando posições e contradições discursivas. A cena inicial do filme exibe uma imensa cruz sobrevoando Cochabamba, sendo transportada por um helicóptero, visto que faria parte do cenário principal do filme de Sebastián. A posição em que a cruz se encontra pode nos levar a inúmeras interpretações, entre as quais, a de que o Cristianismo, em conluio com a Coroa, abençoava todo o processo de dominação, mesmo que a força e a violência fossem necessárias para sua efetivação.

Antes, entretanto, de aprofundar as relações do filme com o discurso pós-colonialista, faz-se necessário explicitar as definições de **colonialismo** e **pós-colonialismo** na concepção de alguns estudiosos, lembrando que a utilização dos termos não necessariamente implica em um consenso entre todos aqueles que os discutem.

Colonialismo / Pós-colonialismo: diferentes perspectivas

Tanto um quanto outro pode ser estudado, levando-se em consideração a periodicidade de cada um, diferentes localizações, tanto quanto seus reflexos nos campos de estudos da filosofia, da antropologia, das artes e da literatura. Por fim, onde quer que haja espaço para uma interferência, seja ela positiva ou não.

O período colonial existente em diferentes cenários e estabelecido por diferentes vias é visto não somente através dos padrões fixados para

definir as relações entre conquistadores e conquistados, mas também através da dependência econômica que algumas destas **ex-colônias** mantiveram mesmo após as suas independências políticas. Segundo a pesquisadora Heloisa Gomes, o ex Primeiro Ministro Britânico, Benjamin Disraeli, declarou em um discurso no Parlamento, no ano de 1863 “As colônias não deixam de ser colônias porque são independentes”³ (GOMES, 2007, p.103). Mignolo, por sua vez, acrescenta que a colonização pode ser vista também como uma forma de controle:

A matriz colonial do poder não é uma forma de controle cuja validade fica limitada a uma instância temporal das colônias e à forma que tiveram não faz muito tempo, e sim que tem vigência em nossos dias. O termo “colonial” remete aos processos de instalação das colônias, tanto que “colonialidade” sinaliza a lógica que estrutura essa matriz, independentemente de sua manifestação histórica colonialismo castelhano, inglês ou norte americano); colonialismo estendido portanto, a períodos nacionais que, na América Latina, mantiveram e mantêm a colonialidade do poder depois de suas “independências” políticas”.[...] (MIGNOLO, 2010, p. 12)⁴

Segundo Hall, os estudiosos Lata Mani e Ruth Frankenberg são mais cuidadosos ao afirmar que “nem todas as sociedades são ‘pós-coloniais’ **num mesmo sentido** e que, em todo caso, o ‘pós-colonial’ não opera isoladamente, mas é de fato uma construção internamente diferenciada por suas intersecções com outras relações dinâmicas” (HALL, 2003, p. 107).

O termo **pós**, usado em qualquer contexto, conduz à ideia de que houve o fim de um ciclo e início de outro. Segundo Shohat, o pós significa passado e concluído, pois o conceito não esclarece se essa periodização é epistemológica ou cronológica. Não fica claro, portanto, se se trata de uma ruptura entre duas vertentes intelectuais ou de uma pura cronologia histórica (Citado em HALL, 2003, p. 102).

Shohat também argumenta que o pós não pode se referir ao desaparecimento de antigas relações e início de outras que viriam substituí-las. Neste caso, a colonização seria vista pela perspectiva do controle colonial direto e o pós pela independência deste controle colonial direto (HALL, 2003, p. 109).

Essas reflexões podem, de alguma maneira, elucidar o fato de o termo ser usado universalmente de maneira heterogênea, por alguns teóricos,

o qual exigiria uma abstração do sentido atribuído a ele distintamente. Isto quer dizer que para cada argumentação seria necessário compreender também o que para cada intelectual significa **colonização**. Para os estudiosos Fanon, Césaire, James, Antoninus, Guha e Said, por exemplo, o período pós-colonial inicia-se com a dissolução dos impérios coloniais em 1947, deixando de lado a América Latina. Já para outros intelectuais essa delimitação revela-se paradoxal, como se pode perceber no questionamento de Peter Hulme, “Então onde e quando os Estados Unidos, Canadá, e a maioria dos países da América Latina e do Caribe se enquadram nesta categoria? *Just where and when do The United States, Canada, and most of the countries of Latin America and the Caribbean fit into this picture?*” (HULME, 2008, p. 390).

Outro ponto importante que Stuart Hall coloca em discussão é o não reconhecimento, por alguns críticos, da existência do pós-colonial em colônias brancas, restringindo o conceito apenas às sociedades não ocidentais. Desta forma, o termo assume um significado mais descritivo do que avaliativo, pois se refere a ou descreve períodos de transição, embora distintos, da era dos impérios para o momento de pós-independência ou de pós-descolonização (HALL, 2003, p. 107).

O mais instigante nestas discussões, entre outros fatores, não é a falta de alinhamento nas ideias ou na “multiplicidade vertiginosa”, como coloca Shohat (1992), mas os perigos na obscuridade de distinções entre **conquistadores** e **conquistados**, **colonizadores** e **colonizados** e mesmo na identificação de um neocolonialismo.

Essa breve exposição de diálogos e questionamentos tem como objetivo elucidar ou mesmo fundamentar algumas colocações acerca do filme *Conflito das águas*, o qual ilustra, de alguma maneira, como os conceitos de **bom** ou **ruim**, **correto** ou **incorreto**, no que diz respeito à práticas políticas, são compreendidos e redefinidos tomando como base as transformações globais. E finalmente, como Hall (2003) questiona:

Se o momento do pós é aquele que vem *após* o colonialismo, e sendo este definido em termos de uma divisão binária entre colonizadores e colonizados, por que o pós-colonial é *também* um tempo de “diferença”? Que tipo de diferença é essa e quais as suas implicações para a política e para a formação dos sujeitos na modernidade tardia? Essas questões têm assombrado cada vez mais o espaço de contestação no qual o conceito de “pós-colonial” opera hoje. [...] (p.101)

Conflito das águas: a história se repete

Com a finalidade de ilustrar algumas das discussões expostas acima, serão descritas algumas cenas, cujos diálogos vão ao encontro das considerações realizadas por alguns estudiosos citados anteriormente. A primeira cena selecionada exibe uma conversa entre o produtor Costa, o diretor Sebastián, e Sarah, a cinegrafista. O diálogo que se estabelece gira em torno do motivo pelo qual Costa havia escolhido o povoado de Cochabamba para filmar a chegada de Colombo à América. Ele responde aos outros “Em Cochabamba há milhares de índios famintos” e “Aqui se pode negociar tudo”, fazendo referência à situação de pobreza em que a maior parte da população se encontrava.

A fala de Costa assemelha-se a um fragmento da primeira carta que Colombo enviou à Coroa Espanhola e que faz parte de uma das cenas do documentário de Sebastián:

São tão ingênuos e generosos com o que têm que nunca negam nada. Não importa o que seja. Se pedir eles dão. Convidam para compartilhar tudo. Eu ainda não descobri se eles têm propriedade privada. Com apenas 50 homens poderia subjugar-los e obrigá-los a fazer o que eu quiser. Na primeira ilha que encontrei, peguei alguns à força. Darão todo o ouro que eu desejar em troca de alguma ajuda [...].⁶

Realizando-se um paralelo entre esse discurso e o conceito de raça, faz-se pertinente citar as explanações feitas por Aníbal Quijano sobre o surgimento dessa categorização identitária a qual passou a definir os papéis ocupados pelo sujeito na sociedade, em posição de superioridade ou inferioridade:

A vasta e plural história de identidades e memórias (seus nomes mais famosos, mais, astecas, incas, são conhecidos por todos) do mundo conquistado foi deliberadamente destruída e sobre toda a população sobrevivente foi imposta uma única identidade, racial, colonial e derogatória, “índios”. Assim, além da destruição de seu mundo histórico-cultural prévio, foi imposta a esses povos a ideia de raça e uma identidade racial, como emblema de seu novo lugar no universo do poder. E pior, durante quinhentos anos lhes foi ensinado a olhar-se com os olhos do dominador. (QUIJANO, 2005, p. 17)

A personagem Sarah, nesse mesmo diálogo, comenta que a língua dos índios falada na época de Colombo era Quíchua, diferente daquela falada pelos índios de Cochabamba. Diante disso, Costa ironiza, dando a entender que a diferença entre as línguas indígenas não os distinguia uns dos outros. A cena ilustra parcialmente o preconceito e o desprezo existentes em relação à diversidade de culturas e línguas, principalmente quando pertencentes a grupos não hegemônicos. Além disso, entende-se que a classificação outorgada aos índios, como raça inferior, sem identidade, permanece inalterada mesmo após a passagem dos anos e de todo o discurso global em favor da “igualdade de direitos”. Ocorre ainda que esse reducionismo pela racialização implica também na destruição histórico-cultural dessas identidades.

Quijano explica que a categorização por raças teve, também, como objetivo legitimar as relações de dominação impostas pela conquista, tendo como consequência a naturalização das relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus:

[...] Historicamente, isto significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominados e dominadores. Desde então tem demonstrado ser o mais eficaz e perdurável instrumento de dominação social universal, pois dele passou a depender inclusive outro igualmente universal, entretanto mais antigo, o inter-sexual ou de gênero: os povos conquistados e dominados foram situados em uma posição natural de inferioridade e, por consequência, também seus traços fenotípicos, assim como suas descobertas mentais e culturais. (QUIJANO, 2000, p. 203)⁷

Outra questão a ser levantada se refere aos prejuízos sociais e econômicos, que esse preconceito arrasta consigo, ao estabelecer a posição desses povos, vistos como culturalmente e mentalmente **inferiores** nas relações trabalhistas. Segundo Quijano, as identidades históricas que foram reforçadas pela Coroa Espanhola fizeram com que raça e divisão de trabalho estivessem estruturalmente associadas. Os espanhóis e portugueses, consolidados, na época, como raça dominante, podiam receber salários, ser comerciantes ou agricultores independentes. Além disso, somente os

nobres poderiam assumir cargos mais altos, fossem na administração colonial, civil e militar (QUIJANO, 2000, p. 204).

Uma das cenas que mostra o diretor Costa, ao telefone, falando com um dos investidores do filme sobre o orçamento gasto em sua produção, caracteriza fortemente a presença, ainda que não explícita, da exploração servil, isto é, semiescrava de determinados grupos sociais. Costa diz “Só dois dólares por dia e eles riem à toa”; fazendo uma referência aos valores pagos aos figurantes do filme. O preconceito de Costa é o reflexo de associações fundamentadas historicamente. Em outras palavras, raça relaciona-se à pobreza e inferioridade cultural. Na concepção de Costa estava descartada a ideia de Daniel ser capaz de compreender ou mesmo falar um idioma hegemônico e, portanto, surpreende-se ao tomar conhecimento de que Daniel também falava a sua língua.

Em outra cena, os produtores do filme e o prefeito da cidade conversam sobre a manifestação dos cidadãos contra a Multinacional, controladora do abastecimento da água, e então percebe-se uma contradição no discurso de Sebastián. Ao mesmo tempo em que ele se mostra solidário às reivindicações dos moradores da cidade, ele e sua equipe exploram os protagonistas e os figurantes do filme, pagando-lhes o mínimo possível por suas atuações. Na fala do prefeito, os índios haviam de ser mantidos sob controle, pois representavam uma ameaça à ordem e à soberania e tal comportamento estava ligado a todo processo de exploração sofrido por eles e que, portanto, faziam-nos reagir negativamente diante do processo de desenvolvimento:

[...] um lugar sem recursos e, portanto, difícil de manter o abastecimento sem investimento. Essa gente pensa que o dinheiro do governo cresce em árvores. Na longa história de exploração, os índios levam desconfiança nos genes. É difícil argumentar com eles, especialmente quando são analfabetos. Neste mundo globalizado, os índios queimam contas de água e jogam pedras na polícia. É o vitimismo versus a modernidade. [...] se cedermos um centímetro esses índios nos levarão à idade da pedra.

Analisando-se mais de perto o discurso do prefeito, observa-se parcialmente a visão de uma maioria para a qual o desenvolvimento de um povo está condicionalmente associado à imposição dos valores de uma elite branca que os consideram imprescindíveis para a consolidação de uma

sociedade civilizada. O “Outro”, por ser inferior na percepção hegemônica, não existe como voz ou, se existe, não merece ser ouvido.

Essa ganância capitalista, sobrepondo-se aos direitos e às reivindicações da população nativa, é retratada quando o diretor pede a Daniel para se manter longe das manifestações até o término das filmagens, subestimando a importância de sua luta e da população. As contradições nas atitudes e nos discursos de Costa e Sebastián se fazem presentes o tempo todo. Embora expusessem, em seu filme, a cruel exploração indígena realizada por Colombo e pela Coroa Espanhola, pareciam ignorar, oportunamente, é claro, o fato de que os cidadãos de Cochabamba estavam sofrendo as consequências de uma exploração mascarada pelo discurso do desenvolvimento.

Conflicto das águas intercala cenas com vozes semelhantes na denúncia da exploração dos nativos oriundas, principalmente, de Daniel, em Cochabamba, e dos Freis Antônio Montesinos e Bartolomeu De Las Casas, em Santo Domingo. O famoso sermão proferido por Montesino protestando contra as atitudes selvagens e arbitrarias empreendidas contra os índios, em 1511, foi responsável pela conversão de Bartolomeu De Las Casas. Embora não maltratasse fisicamente os índios, Las Casas era cúmplice na escravização dos nativos. Eis aqui um trecho do sermão de Montesinos em uma das principais cenas do filme de Sebastián:

[...] Como Padre que sou, devo seguir os mandamentos do Evangelho e o primeiro deles é pregar a verdade [...] Digam-me com que direito e com que justiça mantém esses índios nessa cruel e horrível escravidão e que viviam pacificamente na terra deles? Que autoridade têm para lutar com essa gente? Que direito têm de mantê-los tão oprimidos, famintos e exaustos? Estão morrendo por nossa culpa, ou melhor, vocês os matam. Como podem ser tão negligentes? Como podem viver nesse sono letárgico?⁸

Logo em seguida surge na tela o rosto de Daniel, segurando um megafone, clamando por justiça, quase quinhentos anos depois:

[...] Entram em nossos rios contra a nossa vontade, nossos poços, nossos lagos e até mesmo a chuva que cai nas nossas cabeças...por uma lei eles não nos permitem recolher água da chuva. Uma empresa cujos donos ficam em

Londres e na Califórnia. O que mais vão nos roubar agora? O ar que respiramos?

Daniel não se curva diante dos pedidos de Costa para se manter longe dos conflitos. Para ele, a água, recurso natural e direito de todos, jamais poderia ser controlada de forma tão arbitrária, a ponto de, mesmo vinda da chuva, ter o seu armazenamento impedido de ser realizado pelos próprios cidadãos.

Faz-se pertinente lembrar as palavras de Walter Mignolo sobre a retórica da modernidade levando em conta os exemplos acima. Segundo ele, o discurso que se iniciou no tempo do cristianismo, no Novo Mundo, e prosseguiu até a segunda metade do século XX, em consenso com Washington, é o mesmo, somente muda de rosto e de vocabulário. O destino de sua missão continua sendo o de controle, inclusive de todos os aspectos da vida humana e da vida **natural** da qual, nós, seres humanos, somos uma mínima parte (MIGNOLO, 2010, p. 11).

A **água** ou *yaku* na língua Quíchua como fonte do conflito em Cochabamba simboliza no filme a exploração da natureza em benefício dos homens, como coloca Mignolo, em uma crítica ao filósofo Francis Bacon (1620). Para Bacon a natureza se definia como uma esfera a ser dominada pela humanidade (MIGNOLO, 2000, p.15). É possível, entretanto, que Bacon estivesse se referindo ao trabalho de cultivo da terra para assegurar a sobrevivência, atividade que não implica em destruição, mas na utilização natural de um recurso disponível para ser usufruído.

Retomando a intervenção religiosa na colonização do Novo Mundo, o filme traz diferentes perspectivas sobre essa questão. Havia, por um lado, aqueles que compartilhavam a ideia de que a conversão ao cristianismo, sendo essa feita à força ou não, era necessária, assim como aqueles, como Bartolomeu De Las Casas que, embora estivessem no papel de catequizadores, abominavam a violência contra os índios.

Na última cena do filme de Sebastián, os índios que não haviam se convertido ao cristianismo, entre eles, o índio representado por Daniel, foram sacrificados em público para servirem de lição aos outros. Em meio ao protesto do Frei Montesino, alguns padres tentavam fazer os índios se converterem antes de serem mortos. Nesse momento, o personagem de Daniel responde a um destes homens “Eu o desprezo. Desprezo o seu Deus. Desprezo a sua ganância.”

Reconhece-se nessa fala, ironicamente vinda de um índio, a quem os colonizadores pretendiam catequizar ou civilizar, a consciência de que um Deus, conivente com a exploração do trabalho forçado e do uso da violência, não mereceria o respeito e a idolatria das quais lhes eram cobrados. O próprio Frei Montesinos denunciou a Igreja em seu sermão ao dizer “[...] os índios garimpam o ouro que financia a conquista de outras terras [...] a todos interessam o suor dos índios, até mesmo a Sua Majestade e aos Bispos dele”.

Considerações finais

É possível observar que o filme procura dar conta, embora de maneira restrita, das relações entre colonizado e colonizador por diferentes perspectivas. Todavia, o discurso mais proeminente e instigante está no fato de ele estimular uma leitura do que propriamente nomear estas relações. Em outras palavras, se pensarmos que o colonialismo é passado e que o pós-colonialismo representa o fim da dominação de povos, terras, de recursos naturais, enfim, estaríamos fazendo uma análise discriminatória, restritiva, isto é com os mesmos olhos de um colonizador que explora, conquista, sem enxergar tais atitudes como perniciosas.

As cenas finais do filme mostram Costa tomando consciência, embora levado pelas circunstâncias, de que a população de Cochabamba, representada entre outros por Daniel, tinha direito às reivindicações que faziam. Mesmo assim, não ficamos satisfeitos ao assisti-lo atuando como herói, salvando a filha ferida de Daniel em uma cena tipicamente “americanos salvando povos fracos e oprimidos”, como vemos na maioria dos filmes **hollywoodianos**. Pode ser o ponto fraco do filme, ou vendo por outro lado, teria sido a maneira encontrada pelo autor de expressar o que ocorre quando minorias ficam nas mãos do poder capitalista ou hegemônico. Ao mesmo tempo que esses povos ficam vulneráveis à exploração, dependem frequentemente da ajuda desse mesmo poder para resolver os seus problemas, mas como consequência de um processo histórico e ainda **colonizador**.

Para haver um pós-colonial ou uma descolonização, no sentido universal, é necessário antes de tudo romper com os padrões de pensamento

que posicionam raças, etnias, povos de determinadas nações em *rankings* de inferioridade, sejam eles em nível intelectual ou cultural.

Daniel é a voz dessa minoria, assim como a população que se revolta e que luta por direitos ao tentar impedir a polícia de fechar o poço que haviam construído. Quando Costa oferece a Daniel dinheiro para desistir da manifestação, ele o aceita porque sabe que com o dinheiro poderia levar adiante a sua luta. Uma amostra do poder capitalista.

De acordo com Hulme, o termo pós-colonial não constitui um divórcio do colonialismo, mas uma mudança na forma de pensar: “[...] Nada na palavra póscolonial implica em um divórcio alcançado do colonialismo; mais propriamente, ela implica o processo de libertação de formas colonialistas de pensar” (HULME, 2008, p. 393)⁹.

Quando Hulme refere-se ao processo de libertação das formas colonialistas de pensar, podemos enxergar pela perspectiva daqueles que são **colonizados** que, como Daniel, passam a ser sujeitos ativos na história, seja questionando as ações governamentais, seja fazendo cumprir seus direitos e daqueles que o cercam.

Para Hualco e Vargas (2010), a colonialidade também está presente na exploração e na aniquilação dos bens naturais que se perpetua em tempos de globalização e de neoliberalismo:

[...] A colonialidade funciona essencialmente mediante o racismo e o patriarcado, e viabiliza na atualidade a reprodução ampliada do capital que conhecemos hoje como globalização ou neoliberalismo, criado com genocídios que não terminaram e que hoje incluem até mesmo o planeta através da aniquilação dos sistemas ecológicos por parte das indústrias que somente buscam mais ganância em detrimento da terra. (HUALCO; VARGAS, 2010, p. 26)¹⁰

A mensagem de Daniel a Costa ao lhe dar de presente um vidro com a água de Cochabamba, escrita em Quíchua, *yaku*, pode ser interpretada simbolicamente como um sinal de que a vida depende da natureza e que, portanto, não pode ter um dono. Ela é direito de todos. Quijano fala do dualismo da perspectiva eurocêntrica, que separa a natureza da sociedade e o corpo da razão, e que não sabe o que fazer com a questão da totalidade, criando, portanto, uma perspectiva distorcida, impossível de ser usada (QUIJANO, 2000, p. 242).

E por fim, embora os termos colonialismo, colonizador e colonizado possam remeter a épocas passadas, não podemos nos esquecer de como estas relações se estabeleceram ou como elas permanecem em diferentes partes do mundo e/ou em diferentes períodos. Os termos usados para definir sistemas de governo ou práticas políticas em tempos atuais estão diferentes, mas as relações desses poderes podem ter sido construídas em bases semelhantes às do colonialismo. Usando o exemplo das Américas, Quijano fala das conquistas de direitos políticos e civis da sociedade em tempos de descolonização e ao mesmo tempo da reconcentração de poder nas mãos dos mesmos funcionários do poder colonial. Segundo ele, é preciso que haja a libertação do espelho eurocêntrico o qual distorce a imagem daquele que se vê: “É tempo, enfim, de deixarmos de ser o que somos”¹¹(QUIJANO, 2002, p. 242). É o que Daniel tenta nos ensinar com sua coragem de contradizer o discurso de um poder ganancioso, de atitudes arbitrárias e contrário ao desenvolvimento sustentável. O pós-colonialismo só existe no sentido literal, quando há igualdade social, independente de raça, cultura ou religião.

Notas

¹ Utilizarei o termo “filme principal” para diferenciá-lo do enredo deste que trata parcialmente da filmagem da segunda viagem de Colombo à América.

² Missionário espanhol que se converteu à causa indígena após ouvir o famoso sermão do Frei Antonio Montesinos, em 1511, em Santo Domingo, o qual criticou a Igreja e a Coroa Espanhola pelas injustiças cometidas contra os índios, em meio à exploração de suas terras e do seu trabalho escravo.

³ Todas os trechos traduzidos são da autora deste trabalho e serão incluídos no texto do artigo. As versões em língua estrangeira serão incluídas nas notas. Versão em espanhol: “Colonies do not cease to be colonies because they are independent”.

⁴ Versão em espanhol: “La matriz colonial de poder no es una forma de control cuya validez queda limitada a la instancia temporal de las colonias y a La forma que tuvieron hasta no hace mucho tiempo, sino que tiene vigencia em nuestros dias. El término “colonial” remite a los procesos de instalación de las colônias, em tanto que “colonialidad” señala La lógica que estructura esa matriz, independientemente de su manifestación histórica (colonialismo castellano, inglês o norteamericano); colonialismo extendido aún a períodos nacionales que, en América latina, mantuvieron e mantienen La colonialidad del poder despúes de “independencias” políticas.”

⁵ Versão em inglês: “Just where and when do The United States, Canada, and most of the countries of Latin America and the Caribbean fit into this picture?”

⁶ Trecho citado no filme produzido por Sebastián da carta de Colombo à Coroa Espanhola, descrevendo a população que encontrou ao chegar à América.

⁷ Versão em espanhol: “[...] Historicamente eso significo uma nueva manera de legitimar las ya antigas ideias y prácticas de relaciones de superioridad/inferioridad entre dominados y dominantes. Desde entonces há demostrado ser el más eficaz y perdurable instrumento de dominación social universal, pues de él pasó a depender inclusive outro igualmente universal, pero más antigo, el inter-sexual o de gênero: los pueblos conquistados y dominados fueron situados em uma posición natural de inferioridad y, em consecuencia, también sus rasgos fenotípicos, así como sus descubrimientos mentales y culturales.”

⁸ O trecho do Sermão acima constitui uma paráfrase do original.

⁹ Versão em inglês: “Nothing in the Word postcolonial implies an achieved divorce from colonialism; rather, it implies the process of breaking free from colonialist ways of thinking.”

¹⁰ Versão em espanhol: “[...] la colonialidad funciona esencialmente mediante el racismo y el patriarcado, y viabiliza en La actualidad la reproducción ampliada del capital que hoy conocemos como globalización o neoliberalismo, que se gestó con genocidios que no han terminado y que hoy incluyen al mismo planeta, através de la aniquilación de los sistemas ecológicos por parte de industrias que sólo buscan más ganancias económicas em detrimento de la Tierra.”

¹¹ Versão em espanhol: “Es tiempo, em fin de dejar de ser lo que somos”.

REFERÊNCIAS

CONFLITO das águas/ Até a chuva. Direção de Icíar Bolláin. Espanha: Morena filmes, 2010. DVD (103 min).

GOMES, T. Heloísa. Quando os outros somos nós: o lugar da crítica Pós-Colonial na universidade brasileira. *Acta Scientiarum. Human Soc. Sci.*, Maringá, v. 29, n. 2, p. 99-105, 2007.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HUALCO, A .M.; VARGAS, I. C. *Qué es la descolonización?*. In: ESPINOZA, Claudia (org.). *Descolonización y Despatriarcalización Política*. El alto, Bolívia: Nuevo Periodismo Editores, 2010.

HULME, Peter. Postcolonial theory and the representations of culture in the Americas. In: MORAÑA, M.; DUSSEL E.; JÁUREGUI, A. C. (eds). *Coloniality at large: Latin America and the Postcolonial Debate*. Durham: Duke University Press, 2008.

MIGNOLO, Walter. *Más sobre La opción descolonial*. Buenos Aires: Ediciones Del Signo, 2010.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad Del poder, eurocentrismo y America Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2000.

QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, p. 9-30, set./dez. 2005.

Sandra Keli Florentino Veríssimo dos Santos

Doutoranda em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Artigo recebido em 23 de outubro de 2013.

Artigo aceito em 10 de novembro de 2013.